



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS  
(PROJETO SEGUNDO TEMPO)**

**GIANNA LEPRE PERIM**

**(depoimento)**

**2010**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:**

**Entrevistado:** Gianna Lepre Perim

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** Sala da entrevistada, em Brasília

**Entrevistadores:** Silvana Vilodre Goellner

**Data da entrevista:** 26 de maio de 2010

**Transcrição:** Tuany Defaveri Begossi

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 31 minutos e 26 segundos

**Páginas Digitadas:** 11

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

PERIM, Gianna Lepre. *Gianna Perim (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Inserção no Ministério do Esporte e no Programa Segundo Tempo; gestão do Programa Segundo Tempo; processo de capacitação de profissionais do Programa Segundo Tempo; desdobramentos do Programa; concepção de esporte educacionais; entidades conveniadas; dificuldades de acompanhamento dos convênios; desafios do Programa Segundo Tempo.

Brasília, 26 de maio de 2010, entrevista com a Gianna Lepre Perim para o Projeto Memórias do Programa Segundo Tempo, a cargo da entrevistadora Silvana Vilodre Goellner.

S.G. – Boa tarde Gianna, eu queria te agradecer, antecipadamente, a possibilidade de abrir uma agenda para a gente conversar um pouco sobre o Projeto da Memória. Iniciaria te perguntando, quando que se deu o teu envolvimento com o Programa Segundo Tempo.

G.P. – Eu vim para o Programa em maio de 2006. Eu trabalhava na Secretaria Executiva, como diretora de Programas na organização da Conferência Nacional do Esporte. E, ao término da Segunda Conferência<sup>1</sup>, o Ministro Orlando Silva<sup>2</sup> recém havia tomado posse, e terminando a Conferência, ele entendendo que a gente tinha cumprido a missão naquele momento, achou, então, que eu poderia contribuir vindo para a direção do Departamento de Esporte Escolar e Identidade Cultural<sup>3</sup>. Nesse momento eu vim com o desafio de conhecer o Programa e começar a discutir e pensar em uma qualificação.

S.G. – Até então tu não conhecias muito do Programa, foi tua primeira grande inserção, digamos assim, no Segundo Tempo.

G.P. – É, eu de alguma forma participava de algumas questões relacionadas à Secretaria por conta de ter organizado a Conferência e também porque eu coordenava a elaboração da Política Nacional do Esporte, então, a gente se envolveu com todas as secretarias...

S.G. Sim, sim.

G.P. – Toda a Secretaria Executiva tinha um conhecimento sobre o Programa os objetivos, as diretrizes, mas eu não conhecia as questões operacionais, o seu desenvolvimento, desde processos internos, processo de conveniamento e, muito menos, na ponta como ele se desenvolvia. Então, foi uma imersão nesse momento, que eu conhecia como membro do Ministério do Esporte, mas não diretamente atuando dentro do Programa.

S.G. – E daí o que tu pensaste: o que nesse Programa precisa acontecer? Porque eu sei que tu fizeste uma série de ações na fundamentação pedagógica. O que te mobilizou a pensar esse Programa?

G.P. – Com certeza. Quando as primeiras questões eram... Porque eu vim com uma tarefa justamente para a gente repensar o Programa, porque ele precisaria ser qualificado. Isso era uma coisa que o próprio Ministério já tinha chegado a essa conclusão porque o Programa,

---

<sup>1</sup> Realizada no ano de 2006, em Brasília.

<sup>2</sup> Orlando Silva de Jesus Júnior, Ministro do Esporte desde março de 2006.

<sup>3</sup> Ligado a Secretaria de Esporte Educacional. Ministério do Esporte.

criado em 2003, tinha crescido muito nos anos de 2004 e 2005, em função, inclusive, do crescimento orçamentário. E aí sim que ele passou a ter mais visibilidade e, com certeza, a partir daí começaram a aparecer mais os problemas. Isso é natural, inclusive, e a gente só pode consertar aquilo que a gente faz.

S.G. – Exato.

G.P. – Com certeza! Isso então, já era uma preocupação do Ministro, de que ele tinha crescido muito; a gente tinha se preocupado muito com a questão quantitativa e deixado de lado um pouco a questão da qualidade. E o Programa, na verdade, era constituído de... O departamento que cuidava do Programa era muito pequeno ligado... Então, tinha deficiência, tanto em termos de quantidade quanto de qualidade do próprio pessoal, do corpo técnico. Repensar o Programa era um grande desafio, porque começava justamente nas questões de gestão. Não se dispunha das condições mínimas para que a gente pudesse pensar o Programa de forma diferente daquilo que ele estava sendo feito naquele momento. Pode até parecer um pouco contraditório, mas assim, dizer que era simples mudar, não! Nós sabemos que está errado vamos fazer, mas a questão é que ele não estava errado só por que... Não tinha problemas porque as pessoas não estavam cuidando dessas questões, ele tinha problemas, justamente, porque tinha problemas estruturais, pelo tamanho que...

S.G. – Que ele estava adquirindo já.

G.P. – Pela sua proporção. Ele não tinha condições mínimas de gestão que dessem conta da amplitude do Programa. Era uma questão que estava instalada e, por isso, a preocupação do Ministro que tinha acabado de assumir o Ministério - ele era Secretário Executivo - de querer fazer diferente a partir daquele momento. Então, era um grande desafio, porque a gente teria primeiro que conhecer o tamanho do problema e daí começar a pensar nessas questões. Quando você me pergunta assim: “o que a gente via?” Eu, do outro lado que eu estava, ouvia muita coisa de bom sobre o Programa: um milhão de crianças sendo beneficiadas, programa de inclusão social, um programa que tem o esporte como instrumento de educação. Muitas coisas boas mas, de outra parte, a gente ouvia muitas críticas. Era um momento, exatamente neste ano de 2006, de muitas denúncias em relação ao Programa, muitas críticas em relação à escolha das entidades parceiras, muitas críticas em relação, de alguma forma, ao peso que as entidades não governamentais tinham na operacionalização do Programa. Eram várias questões que estavam colocadas e a gente teria que estar cuidando. Então, nós pensamos não apenas nas questões pedagógicas, que eram essenciais, porque o Programa, embora... Um Programa de esporte educacional, voltado para crianças, adolescentes e jovens, mas que *não* tinha uma fundamentação pedagógica estrutural. Ele nasceu da junção inicial de outros dois programas que era Esporte Solidário e o Esporte na Escola<sup>4</sup>. Essa junção inicial, não se traduziu de alguma forma em uma fundamentação pedagógica, então, de que esporte nós estávamos falando?

---

<sup>4</sup> Programas desenvolvidos durante o Governo Fernando Henrique Cardoso.

Essa era uma primeira questão. Era muito claro, para quem estava no Programa naquele momento, como ele iria se desenvolver...

Então, nós tínhamos duas questões básicas. Primeiro, era garantir que essas parcerias se desenvolvessem com qualidade e com uma boa aplicação dos recursos públicos. Ou seja, era o básico: esses núcleos existem? Esse dinheiro está sendo bem aplicado? Essas pessoas foram contratadas? Essas crianças estão sendo atendidas? Eram questões básicas, mas que, nem isso naquele momento, o Ministério conseguia acompanhar de fato. E a outra questão era: o que está sendo feito no desenvolvimento do Programa com as crianças? Com que qualidade? Com que profissional? Esse esporte está sendo um instrumento de educação integral? O que está acontecendo para o desenvolvimento integral dessas crianças? O que nós estamos fazendo, lá na ponta, para as duas questões básicas?

A gente entendia que, primeiro, tinha que ter uma reorganização interna em termos de gestão. Tínhamos que ampliar o quadro e qualificar esse quadro e talvez reconstruir o próprio modelo do Programa. E, de outra parte, a gente tinha que saber de que esporte que a gente estava falando. Naquele momento, essa questão era muito clara - até porque é minha origem dentro da universidade - que não tinha como a gente repensar o Programa sem que a gente fosse buscar isso junto à academia. De quem que nós estávamos falando, que pessoas que formam esses profissionais que estão na ponta, de que forma que a gente poderia se aproximar da academia e aí, juntos, poderemos então repensar os fundamentos pedagógicos do Programa. A gente fala repensar porque na verdade, na prática ele acontecia de alguma forma, mas isso não tinha sido uma proposta construída e pensada em termos de uma proposta de esporte educacional. Eram esses os grandes dois grandes desafios a princípio.

S.G. – E a partir de então você monta essa equipe que vem o Amauri<sup>5</sup> que começa a se envolver, que faz uma avaliação no primeiro momento do Programa, como ele contou na entrevista, e depois passa a fazer parte da equipe e colabora nessa estruturação pedagógica. As capacitações começam a partir daí, Gianna?

G.P. – Isso. Tem uma questão que é importante também que seja dita, que nós tínhamos que fazer tudo isso com o carro andando. No início eu brincava: tem que mudar, mas não pode de deixar de executar o orçamento; tem que melhorar, mas não pode de deixar de fazer o que nós estamos fazendo e acompanhar o que está sendo feito. Então, isso não foi exatamente assim: pensaR no fundamento pedagógico, fazer uma parceria e pensar no novo modelo de gestão. Nós tínhamos que fazer no acontecendo, então acho que é importante também registrar esse movimento. Eu vim em maio de 2006 e logo em seguida veio o novo Secretário - que na época era o João Ghizoni - , que foi Secretário Nacional<sup>6</sup> no período de 2006 a 2007, com essa proposta de aprimorar o Programa, qualificar e fazer essas mudanças dentro da gestão. Com a chegada do Ghizoni, nós começamos a repensar mesmo algumas coisas e um primeiro movimento foi trazer uma pessoa para que a gente

---

<sup>5</sup> Amauri Bássoli de Oliveira

<sup>6</sup> Secretário Nacional do Esporte Educacional, do Ministério do Esporte

pudesse pensar na capacitação do Programa. Naquele primeiro momento foi a Marly<sup>7</sup> que trabalhava em outra Secretaria mas que a gente já tinha trabalhado juntas em outros momentos. Então nós convidamos a Marly para começar a repensar a capacitação. Na verdade, a capacitação já existia, mas também era um dos pontos críticos que a gente identificava dentro do Programa Segundo Tempo. Por que eu digo isso? Não pela capacitação em si: foi um modelo bastante interessante, de educação a distância, o material muito bem elaborado mas, infelizmente, não era adequado para aquele momento do Programa. Foi um processo de capacitação pensado para pessoas que, na verdade, já tinham feito a graduação em Educação Física, porque, embora a gente tivesse módulos de extensão, o cabo forte era uma especialização lato senso na área de Educação Física coordenada pela Universidade de Brasília. A questão é assim: um modelo bastante interessante, mas que não era adequado para as pessoas que, naquele momento, atuavam dentro do Programa, nos anos de 2003 a 2006.

Grande parte das pessoas que atuavam dentro do Programa não eram profissionais de Educação Física, muitos eram leigos e muitos também não dispunham do uso da tecnologia, não tinham conhecimento e, às vezes, sequer dispunham de um computador para poder ter acesso a uma educação à distância. E, como os tutores também não eram em todos os locais, os tutores eram todos concentrados aqui em Brasília, apenas tínhamos coordenações estaduais. Isso ficou muito difícil de se viabilizar, pois as pessoas não tinham contato com esses tutores, não tinham acesso a essas tecnologias e o resultado a gente não conseguiu alcançar aquilo que foi esperado desde o início. Havia uma previsão de capacitar mais de dez mil pessoas e, realmente, os números ficaram muito aquém disso. A outra questão também, as pessoas que foram indicadas para essa capacitação nem sempre eram pessoas que trabalhavam dentro do Programa. Às vezes se chegava para o prefeito: “eu preciso indicar alguém para participar da capacitação do Programa Segundo Tempo” e nem sempre ele indicava quem estava atuando no Programa. A outra é uma questão temporal: muitas vezes a capacitação, no caso da especialização, demorava mais de um ano e o professor tinha uma rotatividade muito grande dentro do Programa. Então as pessoas não ficavam durante todo esse período e quando eles concluíam o curso, eles já não estavam mais no Programa. Vejo que tinha um processo de capacitação bem estruturado, mas que não era adequado para o momento do Programa. A Marly quando veio para o Programa, veio também com a tarefa avaliar o que estava acontecendo, se aproximar mais dessa parceria, compreender melhor, para ver o que a gente poderia estar propondo de alterações. Na sequência interrompemos esse processo de educação à distância, porque a gente entendeu que precisava começar de novo com o nosso parceiro. E essa capacitação, ela era totalmente voltada para as questões da área da Educação Física, mas não tinha uma capacitação de gestão de um Projeto esportivo social e nem tão pouco de convênios. E aí toda a dificuldade dos parceiros em operacionalizar.

S.G. – Lógico.

---

<sup>7</sup> Marly Teresa Rangel Licassali

G.P. – Porque a gente tinha que cuidar das questões pedagógicas, mas também tínhamos as questões administrativas e operacionais do Programa. Era necessário que a gente se aproximasse desse parceiro e começasse do zero, porque na nossa avaliação diagnóstica inicial, entre outras coisas, uma das questões que a gente identificou era esse distanciamento do parceiro. Não dava para esperar mais dele, o problema não estava só em como ele executava o convênio. O problema, estava até mesmo na essência, de como... Nunca tinha sido conversado com esse parceiro; “olha, o Programa deve acontecer dessa forma, quais são os primeiros passos”. Percebemos, assim, que essa capacitação tinha que ser presencial, pelo menos nesse primeiro momento. A gente tinha que conhecer quem era esse profissional que estava atuando no Programa, desde o coordenador geral até o coordenador de núcleos, os monitores e todas as pessoas. Tínhamos que estabelecer esse perfil, inclusive para poder, a partir daí, propor essas mudanças. Primeiro era isso e de outra parte, além dessa presencial, a gente tinha que, de alguma forma, regionalizar também, descentralizar essa capacitação, que nesse primeiro momento, tudo concentrado aqui na UNB, aqui em Brasília e, sendo um Programa Nacional, a gente também tinha que vencer essas questões.

Nós começamos esse primeiro momento já em julho de 2006, depois dessa avaliação diagnóstica inicial. Começamos a reestruturar o processo de capacitação e a elaborar o módulo inicial que era de gestão e nos organizamos para iniciar isso logo em 2007. Então fizemos o primeiro encontro com essa nova perspectiva em abril de 2007 e, nesse primeiro encontro, já participaram algumas pessoas a nosso convite para que pudessem estar conhecendo a proposta, se apropriando dela e, aos poucos, depois construindo junto conosco um novo modelo de capacitação. Então, nesse primeiro encontro, já participou o professor Amauri, a nosso convite e o professor Ricardo Petersen<sup>8</sup> também, que já tinha também uma relação com a gente em função de outros programas. A gente começou a conversar sobre essas questões. Eles vieram, primeiro, para conhecer e, depois, começamos a discutir o Programa. A partir desse primeiro momento, acho que sobre isso o Amauri já deve ter colocado bastante para você - ele sempre brinca que era só para conhecer e de repente: dedicação integral [risos]. Mas a gente, a partir desse primeiro movimento, criou aquele modelo que foi inicialmente desenvolvido em Gramado, com alguns consultores - em um primeiro momento apenas doze pessoas, e aí a gente pensou quais seriam os temas dessa capacitação, como a gente se organizaria para, depois, pensar em uma coisa mais ampliada. Depois dessa primeira experiência em Gramado que a gente validou esse modelo começou o processo de capacitação descentralizado. Nós passamos de doze pessoas para quarenta e duas, se não me falha a memória, que foi no primeiro movimento que a gente fez em Maringá reunindo algumas pessoas.

S.G. – Que saiu o livro Verde.

G.P. – Isso. Então, outra questão que desde o início a gente pensava era que nós precisávamos também produzir conhecimento para essa área e começar a deixar um legado

---

<sup>8</sup> Ricardo Demétrio de Souza Petersen

mesmo nesse sentido. A gente queria que a capacitação não se limitasse, não fosse só a capacitação em si, aquele momento, mas que a gente pudesse de alguma forma pensar em um acompanhamento do desenvolvimento do Programa, qual que era a efetividade desse processo de capacitação, a gente só poderia conhecer se a gente pudesse acompanhar. A partir desse primeiro movimento depois com essas quarenta e poucas pessoas a gente começou a refletir em como acompanhar o Programa. Foi a partir de 2008 que se inicia o processo da instituição das equipes colaboradoras. Aí se fez esse novo desenho, mais ampliado, para dar conta de todo o território nacional. Então, o movimento da capacitação foi o que nos levou a pensar em vãos mais altos...

S.G. – Esse trabalho quase em rede.

G.P. – No processo de acompanhamento do Programa Segundo Tempo como um todo. Mas, enquanto a gente fazia essa capacitação, retomando a questão do histórico, a gente também pensava em um novo modelo de gestão do Programa. Nesse meio tempo entre, meados de 2007 e 2008, o Secretário João Ghizoni, assumiu outra função junto ao Gabinete do Ministro e foi nomeado o Secretário Júlio Filgueira<sup>9</sup>, se não me engano em junho de 2007. A partir de então, já tendo iniciado esse processo de mudança e ainda com muitas dúvidas, com muitas dificuldades ainda, com apenas um esboço do que seria esse processo... Com a chegada do Júlio isso ganhou um novo fôlego, até pela visão que ele tem, mais estratégica... Ele tinha uma grande experiência nessa área de planejamento estratégico, então o Júlio traz outra visão para que a gente pudesse rever melhor a nossa estrutura organizacional que, naquele momento, era pensada em caixinhas como a gente falava. Nós começamos a pensar que a gente gostaria de ter uma gestão com processos gerenciais. Então, outro momento importante na gestão, que a gente reestruturou todas as coordenações do departamento para começar pensar melhor no acompanhamento, não só no pedagógico que seria a cargo das equipes colaboradoras, mas muito mais do que isso: na gestão interna e nas questões operacionais. A gente reestrutura a partir desse momento a organização do departamento.

S.G. – Gianna, como é assim: o Programa Segundo Tempo ele vai crescendo, são novas demandas para o Programa. Hoje ele tem uma abrangência imensa... De 2000 para cá, acho que ele deu um salto qualitativo, eu tenho acompanhado um pouco na produção pedagógica, da gestão eu não tenho muito conhecimento. Como é gerenciar um Programa que vai crescendo cada vez mais, que tem desafios que se colocam... Como que você vê isso?

G.P. – A sensação que a gente tem é assim, que nunca termina...

---

<sup>9</sup> Júlio Cesar Monzú Filgueiras Secretário Nacional de Esporte Educacional do Ministério do Esporte no período de maio de 2007 a outubro de 2009

S.G. – Que nunca termina, porque é sempre uma coisa que vai surgindo e isso deve dar um susto grande em determinado ponto também.

G.P. – Exatamente. Com certeza, isso traz muitas conquistas para a realização profissional mas, de outra parte, é sempre com a sensação de que a gente ainda não deu conta. Então, como eu te disse, tinha uma equipe muito pequena e, a partir desse desenho, a gente começou com esse modelo da capacitação que foi a nossa primeira parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Isso foi para o Programa também uma grande conquista, porque a partir dessa primeira parceria conseguimos viabilizar toda essa estrutura que tem hoje. Só com a nossa estrutura interna das secretarias seria difícil ter conseguido avançar mesmo nos processos de gestão interna, se não fosse com essa parceria em função de ter podido contratar outras pessoas, pessoas que podiam nos ajudar a pensar o Programa.

S.G. – Sim.

G.P. – Até porque, em função das limitações internas, seja de cargos efetivos ou dos cargos comissionados, era muito difícil fazer qualquer mudança se não fosse por isso. Era uma grande questão... A gente se realiza muito, mas ainda assim, para você ter uma idéia: quando eu cheguei na Secretaria, tinha em torno de sessenta pessoas. Hoje só o meu departamento tem mais de sessenta pessoas. Mas ainda assim, a sensação que se tem, é que não dá conta, exatamente porque, cada vez que se quer fazer mais, a gente sente que ainda tem algumas coisas ainda a avançar. Mas é muito gratificante, primeiro, porque um pouco do que você falou quando ouve os depoimentos das crianças, ou das pessoas... Internamente também acho que foi um processo de mudança que fez com que as pessoas do Ministério pudessem olhar o Programa de forma diferente. Muitas pessoas trabalhavam no Programa sem saber exatamente o que significava isso e se fez um esforço nesse sentido: que as pessoas soubessem, conhecessem o todo, pois sabendo aquilo que ela faz, onde vai chegar, o que nós estamos pretendendo... Isso também fez com que todo mundo se dedicasse muito. Se em alguns momentos, em função dessas questões mais críticas que o Programa vivia em 2006, hoje a gente tem uma realidade bastante diferente, as pessoas tem muito orgulho de trabalhar no Programa Segundo Tempo. Essa aproximação com a academia, de ter ressignificado um pouco a ação pedagógica do Programa, também fez com que fosse olhado com outros olhos, seja pela comunidade acadêmica, pelos profissionais da área em geral, no país todo, mas também internamente esse processo de mudança foi bastante importante por isso. Porque as pessoas hoje têm orgulho porque sabem exatamente o que está acontecendo, quando se pensa que nós estamos mexendo com dinheiro público, essa é uma questão que é bastante séria. Então, poder fazer isso, da melhor forma, de maneira adequada e sabendo que resultados que a gente está alcançando, isso realmente tem trazido grandes avanços.

S.G. – Eu viajo muito, vida de professora universitária, e tenho percebido um retorno muito grande, fundamentalmente, a partir do livro que eu tenho um capítulo<sup>10</sup> e do vídeo que a gente gravou para o Recreio nas Férias o ano passado.<sup>11</sup> Os alunos chegam: “Professora, lhe conheço do vídeo, tem mais material sobre isso? A senhora pode me ajudar a pensar?” Quer dizer, o que eu tenho percebido: para além de quem trabalha no Programa Segundo Tempo, esse material pedagógico está entrando para a universidade por outras vias também. Isso tem sido um retorno bastante positivo. Isso chega até vocês? De quem não é monitor do Segundo Tempo, mas eu quero o livro porque, enfim, o livro lhe ajuda a pensar suas coisas na universidade.

G.P. – Um pouco chega, mas isso é uma coisa que a gente conversa muito, principalmente, com a equipe pedagógica. A gente acha que, se de um lado, o Programa estava muito distanciado da academia, da própria área, de outro lado, a própria universidade também, eu acho que precisa também chegar mais próxima da realidade. Às vezes a gente fica lá pensando na universidade, na formação, em um currículo, mas se esquece de como está se materializando, como essa formação realmente está... O que está significando isso depois que esse aluno se forma e no seu trabalho. E se percebe que, hoje, a nossa avaliação inicial é que, de alguma forma, os cursos de Educação Física, não dão conta de formar o nosso aluno para trabalhar em um programa esportivo social. Em que pese, seja da área de Educação Física ou na área de esporte. Nós temos alguns cursos, inclusive, na minha própria universidade, de ciência do esporte, ainda assim a gente pensa: não sei se aquela questão muito da fragmentação do conhecimento... Quando a gente se vê a frente de um programa dessa natureza, às vezes pensa assim: não eu não sei se estou preparado para enfrentar isso, sejam essas questões principalmente que lidam com crianças em situação de risco social. Não temos um preparo para lidar com muitas das coisas que estão colocadas ali e que fazem parte do dia-a-dia do nosso público alvo...

S.G. – Essa questão da deficiência...

G.P. – Várias questões, a própria questão de gênero que você conhece mais de perto, mas muitas dessas questões que a gente, realmente, não está preparado para lidar com elas. E uma coisa que sempre nos inquietava é que se não queria apenas desenvolver o esporte, mas queria transformar a vida dessas crianças de alguma forma. E precisaríamos muito mais do que apenas uma proposta de esporte educacional, essa é uma questão que sempre que nos inquieta. Entendemos que, o fato ter colocado na rua, de alguma forma, foi mesmo dando mesmo a cara para bater; nós estamos fazendo dessa forma, mas não sabemos se é a melhor forma ou se não é, então vamos discutir, vamos trazer o contraditório, tivemos

---

<sup>10</sup> Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática. Organizado por Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira e Gianna Lepre Perim. Publicado pela Editora da UEM em 2010.

<sup>11</sup> Recreio nas Férias: Capacitação. DVD produzido em 2009 contemplando os seguintes temas: Reconhecimento do Direito ao Lazer; O que é o “Recreio nas Férias”; Conteúdos Culturais do Lazer; Questões de Gênero; Deficiência; Planejando o “Recreio nas Férias”; Aspectos Metodológicos para as Ações; Tema Gerador: Meio Ambiente.

vários embates... Você já acompanhou muitos embates na nossa própria área, a questão da Educação Física e do esporte que é uma coisa que até hoje não é muito bem resolvida. Foi muito importante a gente ter aberto essa discussão! É claro que tem muita gente que discorda do caminho que a gente escolheu, mas é um caminho que está em construção, está aberto a essas críticas todas. Mas vimos que isso fez com que muitas pessoas que hoje estão na universidade, também repensassem suas práticas e pudessem trazer um novo significado para a formação desse novo profissional.

Sabemos que, indiretamente, essa construção pedagógica tem trazido um retorno para a própria formação do profissional da Educação Física em função dessa parceria que se estabeleceu com as universidades. Isso eu acho que é uma grande contribuição para a própria área e para todos nós como profissionais. O fato de termos algumas inquietudes e poder estar vivenciando isso e, queira ou não queira, já teve algumas outras políticas públicas nesta área, mas o Programa Segundo Tempo acabou tomando uma dimensão muito maior que não se encontrava ainda nas outras políticas. Essa é outra questão que ainda nos inquieta, porque, hoje achamos que ele ainda não é uma política pública efetiva; o próprio modelo de conveniamento que rege a celebração, a descentralização de créditos do Governo Federal, o próprio modelo de conveniamento nos trás alguns fatores limitantes e algumas limitações.

S.G. – Certo.

G.P. – Como se faz uma política pública se você não pode dar continuidade a ela? Por exemplo, você faz uma parceria com uma prefeitura que dali um ano e meio, o convênio vence porque ela tem inadimplência e não se pode renovar ou, ainda, muda o prefeito e ele não se interessa mais... São várias questões que ainda temos que vencer. Na nossa avaliação ainda não é uma política pública efetiva, mas ainda assim, ela ganhou uma proposição muito maior pelo quantitativo que hoje é atendido - mais de um milhão de crianças de forma concomitante. Se em algum momento já era dito isso, desde lá do início do Programa, hoje é uma realidade, em termos anuais a gente consegue atender em torno de um milhão de crianças ao mesmo tempo, mas ainda assim é muito pouco perto do universo.

S.G. – Claro.

G.P. – A gente não atende hoje nem dois por cento do que é o nosso potencial público alvo. Ainda falta muito, entendemos que se ficar só em um modelo de conveniamento, jamais vamos conseguir dar esse passo, por isso, um dos nossos grandes desafios agora, que é a aproximação...

S.G. – É uma pergunta que eu iria te fazer agora: qual o grande desafio do Programa Segundo Tempo agora, daqui para frente. Para a gente encerrar.

G.P. – Acho que na nossa avaliação, a gente já deu alguns passos, mas que, ainda temos muito que caminhar que é a nossa aproximação do Sistema Nacional de Educação. Estabelecemos agora essa parceria com o MEC<sup>12</sup>, particularmente com a SECAD<sup>13</sup>, que é uma das secretarias que cuida do Programa Mais Educação<sup>14</sup>. Isso porque desde o início das nossas discussões, uma coisa que nós nunca perdemos de vista é a questão que, no nosso entendimento, o único caminho possível para tornar essa proposta de esporte educacional em uma política pública efetiva, só era possível através da escola. E em função disso, já se tinha tentado em outros momentos, inclusive, na origem do Programa. Ele foi criado por uma portaria interministerial entre o Ministério do Esporte e o MEC, na época era: o Ministro Agnelo Queiroz<sup>15</sup> do nosso lado, e o Cristóvão Buarque<sup>16</sup> no MEC. Então o Programa é criado na Secretaria Interministerial, mas que não se viabilizou, porque essa parceria, o que era pensado? O Programa - não sei se alguém até te disse - mas a própria concepção do Programa e o nome Segundo Tempo, vinha do entendimento da escola como primeiro tempo e, segundo tempo, seriam as atividades esportivas voltadas para essa questão estão da inclusão social. Ela não se materializou naquela época, porque no contra-turno das escolas não tinha espaço físico, não tinha recursos humanos, então não foi possível. Aquela idéia inicial não se concretizou. Desde então, o Ministério do Esporte tem mantido sempre uma tentativa de inserção nas discussões junto ao Ministério da Educação, inclusive, enquanto ficamos nessa discussão muito mais voltada para a Educação Física, tivemos uma certa dificuldade de entrar, justamente por as questões relativas a nossa área. Então, acabou que, pelo Programa Mais Educação, foi uma grande oportunidade, porque ele não está limitado a essas questões curriculares da escola, mas em uma perspectiva de educação em tempo integral que você possa, então, unir as várias áreas e por isso, inclusive no Mais Educação porque não significa mais tempo na escola, mas mais tempo voltado para as questões educacionais aproveitando todos os espaços que você tem próximos da escola, com parcerias locais, usando espaços públicos ou privados que, através dessas parcerias possam ser viabilizados. Então, com isso, criou uma nova perspectiva de pensar de novo em como estar na escola. Embora a escola não tenha, às vezes, o espaço nem pessoas para que possa absorver o Programa Segundo Tempo, mas agora através do Mais Educação isso se tornou possível, porque o Mais Educação se vale dessas parcerias locais para que a gente possa viabilizar mais tempo na escola. Ou na escola ou fora da escola, mas mais tempo voltado para a educação. Então, para nós foi uma grande oportunidade, através dessa parceria, foi uma aproximação da nossa Secretaria pelo Secretário Júlio Filgueira junto com o André Lázaro que é o Secretário da SECAD. Discussões assim, mais de um ano que nós estamos tentando essa aproximação; no Mais Educação já havia previsão de um macro campo que é o do Esporte e Lazer, mas da

---

<sup>12</sup> Ministério da Educação

<sup>13</sup> Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

<sup>14</sup> Programa do Ministério da Educação.

<sup>15</sup> Agnelo dos Santos Queiroz Filho no período de janeiro de 2003 a março de 2006

<sup>16</sup> Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque. Ministro da Educação no período de janeiro de 2003 a janeiro de 2004.

mesma forma que nós temos nas outras áreas, mas era feito por um monitor e a gente não queria apenas isso na escola.

S.G. – Sim.

G.P. – A gente não quer isso no Programa; na escola se entende que teria que ser muito mais do que isso. O desafio era de alguma forma se aproximar do MEC, mas também colocar na mesa essa discussão, que não poderia ser apenas aquilo que o próprio MEC estava entendendo como uma ação de esporte na escola dentro dessa perspectiva que estava tratada, que era com monitor e que, às vezes, nem necessariamente era um estudante da área da Educação Física. Então, isso foi o que nós combatemos no início do Programa - que não era apenas dar a bola na mão de uma criança, nós precisamos fazer muito mais do que isso, mais ainda na escola e o nosso desafio foi ampliado. Por isso, inclusive, foi necessário para que se pudesse alterar essa proposta inicial, a gente precisou entrar com um recurso inclusive. É uma coisa que muitos nos criticam, não entendem como o primo pobre vai colocar dinheiro no MEC para que a gente possa viabilizar o Programa. Mas, naquele momento, no nosso entendimento foi um voto de confiança do nosso Secretário e do próprio Ministro no sentido de apostar nessa parceria para que, a partir desse movimento inicial, o próprio MEC pudesse entender o papel que o esporte pode desempenhar dentro da escola. Então, acho que se conseguiu avançar bastante nisso, estamos hoje já em mil cento e quarenta e duas escolas e a perspectiva é que, até o próximo ano, a gente possa estar em todas as escolas do Mais Educação, que hoje são em torno de onze mil...

S.G. – Onze mil...

G.P. – Para depois, em uma perspectiva mais ampliada, a gente, quiçá, poder estar em todas as escolas públicas... Há muita coisa ainda para ser feito.

S.G. – É um desafio enorme. Então, eu vou encerrar porque você está com sua super agenda e já me falou tanta coisa. Bom, eu queria te agradecer pela entrevista.

[FINAL DO DEPOIMENTO]